

Carlos Ruiz Zafón

# O Jogo do Anjo

Tradução  
Maria do Carmo Abreu



## O Cemitério dos Livros Esquecidos

ESTE livro integra um ciclo de romances que se enredam no universo literário do Cemitério dos Livros Esquecidos. Os romances que fazem parte deste ciclo interligam-se através de personagens e fios argumentais, que estendem pontes narrativas e temáticas, ainda que cada um se constitua como uma história fechada, independente e válida por si só.

Os diferentes títulos relativos à série do Cemitério dos Livros Esquecidos poderão ser lidos por qualquer ordem ou separadamente, permitindo ao leitor explorar e aceder ao labirinto de histórias através de diferentes portas e caminhos, que, quando interligados, o irão conduzir ao coração da narrativa.

Primeiro acto

## **A Cidade dos Malditos**

UM escritor nunca esquece a primeira vez que aceita umas moedas ou um elogio em troca de uma história. Nunca esquece a primeira vez que sente no sangue o doce veneno da vaidade e acredita que, se conseguir que ninguém descubra a sua falta de talento, o sonho da literatura será capaz de lhe dar um tecto sobre a cabeça, um prato quente no fim do dia e o que mais deseja: o seu nome impresso num miserável pedaço de papel que com certeza viverá mais do que ele. Um escritor está condenado a recordar esse momento, porque nessa altura já está perdido e a sua alma tem preço.

A minha primeira vez chegou num distante dia de Dezembro de 1917. Tinha então dezassete anos e trabalhava em *La Voz de la Industria*, um jornal decadente que definhava num cavernoso edifício que outrora albergara uma fábrica de ácido sulfúrico e cujas paredes ainda ressumavam aquele vapor corrosivo que carcomia o mobiliário, a roupa, a energia e até a sola dos sapatos. A sede do jornal erguia-se por trás do bosque de anjos e cruzeiros do cemitério do Pueblo Nuevo e, de longe, a sua silhueta confundia-se com a dos jazigos recortados num horizonte apunhalado por centenas de chaminés e fábricas que teciam um perpétuo crepúsculo escarlate e negro sobre Barcelona.

Na noite em que ia mudar o rumo da minha vida, o subdirector do jornal, Don Basilio Moragas, achou por bem convocar-me pouco antes do encerramento para o escuro cubículo encravado no fundo da redac-

ção que fazia as vezes de gabinete e de sala de fumo de charutos. Don Basilio era um homem de aspecto feroz e bigode farfalhado que não embarcava em parvoíces e subscrevia a teoria de que um uso liberal de advérbios e a adjetivação excessiva eram coisa de pervertidos e pessoas com deficiências vitamínicas. Se descobria um redactor propenso à prosa floreada, mandava-o durante três semanas escrever obituários. Se, depois da purga, o indivíduo reincidia, Don Basilio colocava-o a título definitivo na secção de labores do lar. Todos tínhamos pavor dele, e ele sabia-o.

– Don Basilio, o senhor mandou-me chamar? – perguntei timidamente.

O subdirector olhou-me de revés. Entrei no gabinete que cheirava a suor e a tabaco, por esta ordem. Don Basilio ignorou a minha presença e continuou a rever um dos artigos que tinha sobre a secretária, de lápis vermelho em riste. Durante alguns minutos, o subdirector metralhou correcções, quando não amputações, no texto, resmungando impropérios como se eu não estivesse ali. Sem saber o que fazer, notei que havia uma cadeira encostada à parede e fiz menção de me sentar.

– Quem lhe disse para se sentar? – murmurou Don Basilio sem levantar os olhos do texto.

Pus-me em pé a toda a pressa e contive a respiração. O subdirector suspirou, deixou cair o lápis vermelho e reclinou-se na cadeira para me examinar como se eu fosse um traste sem préstimo.

– Disseram-me que você escreve, Martín.

Engoli em seco e quando abri a boca emergiu dela um ridículo fio de voz.

– Um pouco, bem, não sei, quero dizer que, bem, sim, escrevo...

– Espero que o faça melhor do que fala. E o que escreve, se não é perguntar muito?

– Histórias policiais. Refiro-me a...

– Já percebi a ideia.

O olhar que Don Basilio me lançou foi bastante indiferente. Se lhe tivesse dito que me dedicava a fazer figurinhas de presépio com esterco fresco ter-lhe-ia provocado o triplo do entusiasmo. Suspirou outra vez e encolheu os ombros.

– O Vidal diz que você não é mau de todo. Que se destaca. Claro que, com a competência que há por estes lados, também não é preciso ser um génio. Mas se Vidal o diz...

Pedro Vidal era a estrela do *La Voz de la Industria*. Escrevia uma coluna semanal de casos do dia que constituía a única coisa que valia a pena ler em todo o jornal, e era o autor de uma dúzia de romances de intriga sobre *gangsters* do El Raval amancebados com damas da alta sociedade que tinham alcançado uma modesta popularidade. Envergando sempre impecáveis fatos de seda e reluzentes *mocassins* italianos, Vidal tinha o ar e as atitudes de um galã de sessão da tarde, com o cabelo louro sempre bem penteado, o bigode como que desenhado a lápis e o sorriso fácil e simpático de quem se sente bem na sua pele e no mundo. Era proveniente de uma dinastia de *indianos* que haviam feito fortuna nas Américas com o negócio do açúcar e que, no seu regresso, tinham cravado o dente na succulenta fatia da electrificação da cidade. O pai, o patriarca do clã, era um dos accionistas maioritários do jornal, e Don Pedro utilizava a redacção como campo de jogos para matar o tédio de não ter trabalhado por necessidade um único dia de toda a sua vida. Pouco interessava que o jornal perdesse dinheiro da mesma maneira que os novos automóveis que começavam a percorrer as ruas de Barcelona perdiam óleo: com abundância de títulos nobiliários, a dinastia dos Vidal dedicava-se agora a coleccionar em El Ensanche bancos e casas solarengas do tamanho de pequenos principados.

Pedro Vidal foi o primeiro a quem mostrei os rascunhos que escrevia quando era apenas um garoto e trabalhava a distribuir cafés e cigarros pela redacção. Sempre teve tempo para mim, para ler os meus escritos e dar-me bons conselhos. Com o tempo, tornou-me seu ajudante e permitiu-me dactilografar os seus textos. Foi ele quem me disse que, se desejasse apostar o meu destino na roleta russa da literatura, estava disposto a ajudar-me e a guiar os meus primeiros passos. Fiel à sua palavra, lançava-me agora nas garras de Don Basilio, o cérebro do jornal.

– O Vidal é um sentimental que ainda acredita nessas lendas profundamente antiespanholas como a meritocracia ou o dar oportuni-

dades a quem as merece e não ao favorito do momento. Cheio de dinheiro como está, pode permitir-se ser um lírico. Se eu tivesse uma centésima parte do dinheiro que lhe sobra, dedicar-me-ia a escrever sonetos, e os passarinhos viriam comer à minha mão fascinados pela minha bondade e encanto.

– O senhor Vidal é um grande homem – protestei eu.

– É mais do que isso. É um santo porque, apesar do ar de morto de fome que você tem, anda há semanas a martelar-me com o talento e a capacidade de trabalho do benjamim da redacção. Ele sabe que no fundo sou um coração mole e, além disso, garantiu-me que se lhe der essa oportunidade, me oferecerá uma caixa de charutos. E se o Vidal o diz, para mim é como se Moisés descesse do monte com a pedra na mão e a verdade revelada na cabeça. De modo que, em conclusão, visto que é Natal e para que o seu amigo se cale de uma vez, ofereço-lhe a oportunidade de debutar como os heróis: contra ventos e marés.

– MUITÍSSIMO obrigado, Don Basilio. Garanto-lhe que não se vai arrepender de...

– Não se entusiasme, rapaz. Vejamos: o que pensa do uso abusivo e indiscriminado de advérbios e adjectivos?

– Que é uma vergonha e deveria estar referido no Código Penal – respondi com a convicção do converso militante.

Don Basilio aquiesceu aprovador.

– Muito bem, Martín. Tem as prioridades claras. Os que sobrevivem neste ofício são os que têm prioridades e não princípios. É este o plano. Sente-se e compreenda bem, porque não lho vou repetir duas vezes.

O plano era o seguinte: por motivos que Don Basilio considerou oportuno não aprofundar, a contracapa da edição dominical, que por tradição era reservada a um texto literário ou de viagens, falhara à última hora. O conteúdo previsto era um relato de cariz patriótico e intenso lirismo em torno das gestas dos almogávares, nas quais estes, canção para cá, canção para lá, exaltavam a cristandade e tudo o que era decente debaixo do céu, a começar pela Terra Santa e a acabar no delta do Llobregat. Lamentavelmente, o texto não chegara a tempo ou, suspeitava eu,

não apetecia a Don Basilio publicá-lo. Aquilo deixava-nos a seis horas do fecho e sem qualquer outro candidato para substituir o relato do que um anúncio de página inteira publicitando umas cintas feitas de barbas de baleia que prometiam ancas de sonho e imunidade aos excessos alimentares. Perante o dilema, o conselho de redacção determinara que havia de levantar a cabeça e solicitar os talentos literários que pulsavam por toda redacção, a fim de tapar o buraco e sair a quatro colunas com uma peça de interesse humanístico para prazer da nossa leal audiência familiar. A lista de comprovados talentos a quem recorrer era composta por dez nomes, nenhum dos quais, como é óbvio, era o meu.

– Amigo Martín, as circunstâncias conspiraram para que nem um único dos paladinos que temos na folha de pagamento esteja em corpo presente ou se encontre localizável numa prudente margem de tempo. Face ao desastre iminente, decidi dar-lhe a alternativa.

– Conte comigo.

– Conto com cinco páginas a dois espaços antes das seis horas, Don Edgar Allan Poe. Traga-me uma história, não um discurso. Se quiser sermões, vou à Missa do Galo. Traga-me uma história que eu não tenha lido antes e, se já a li, traga-ma tão bem escrita e contada que eu não me aperceba.

Dispunha-me a sair a correr quando Don Basilio se levantou, deu a volta à secretária e me colocou uma «pata» do tamanho e peso de uma bigorna sobre o ombro. Só então, ao vê-lo de perto, dei conta que os seus olhos sorriam.

– Se a história for decente, pagar-lhe-ei dez pesetas. E se for mais do que decente e agradar aos nossos leitores, publicar-lhe-ei mais.

– Alguma indicação específica, Don Basilio? – perguntei.

– Sim: não me desiluda.



Passei as seis horas seguintes em transe. Instalei-me na mesa que havia no centro da redacção, reservada a Vidal para os dias em que lhe apetecia vir passar um bocado. A sala estava deserta e submersa numa



bruma tecida com o fumo de dez mil charutos. Fechei os olhos um instante e conjurei uma imagem, um manto de nuvens negras derramando-se sobre a cidade em chuva, um homem que caminhava procurando as sombras, com sangue nas mãos e um segredo no olhar. Não sabia quem era nem de que fugia, mas durante as seis horas seguintes ia transformar-se no meu melhor amigo. Fiz deslizar uma folha no rolo da máquina e, sem tréguas, tratei de expressar tudo o que tinha dentro de mim. Lutei com cada palavra, cada frase, cada reviravolta, cada imagem e cada letra como se fossem as últimas que iria escrever. Escrevi e reescrevi cada linha como se disso dependesse a minha vida, e depois reescrevi-a de novo. Tive como única companhia o eco do teclado incessante que se perdia na sala mergulhada em sombras e o grande relógio de parede esgotando os minutos que faltavam até ao amanhecer.



Pouco antes das seis da manhã arranquei a última folha da máquina e suspirei, esgotado e com a sensação de ter um vespeiro no cérebro. Ouvi os passos lentos e pesados de Don Basilio, que emergira de uma das suas habituais sestas e se aproximava devagar. Peguei nas folhas e entreguei-lhas, sem me atrever a sustentar o seu olhar. Don Basilio sentou-se na mesa contígua e acendeu a lâmpada. Os seus olhos deslizaram para cima e para baixo sobre o texto, sem revelar qualquer expressão. Então deixou por um instante o charuto na extremidade da mesa e, olhando para mim, leu em voz alta a primeira linha.

– «*Cai a noite sobre a cidade e as ruas exalam o cheiro a pólvora como o bafo de uma maldição.*»

Don Basilio olhou-me de soslaio e escudei-me num sorriso que não deixou um único dente tapado. Sem dizer mais nada, levantou-se e partiu com o meu texto na mão. Vi-o afastar-se para o seu gabinete e fechar a porta atrás de si. Fiquei ali petrificado, sem saber se começar a correr ou esperar o veredicto de morte. Dez minutos depois, que me souberam a dez anos, a porta do gabinete do subdirector abriu-se e a voz atroadora de Don Basilio foi ouvida em toda a redacção.

– Martín. Faça o favor de vir aqui.

Arrastei-me tão lentamente quanto pude, roubando vários centímetros a cada passo que dava até que não tive outro remédio senão mostrar a cara e levantar os olhos. Don Basilio, com o terrível lápis vermelho na mão, olhava-me com frieza. Quis engolir saliva, mas tinha a boca seca. Don Basilio pegou nas folhas e devolveu-mas. Peguei nelas e dei meia volta na direcção da porta tão depressa quanto pude, dizendo para mim mesmo que haveria sempre lugar para um engraxador no *lobby* do Hotel Colón.

– Leve isso à tipografia e que o metam na máquina – disse a voz atrás de mim.

Voltei-me, julgando ser alvo de uma brincadeira cruel. Don Basilio abriu a gaveta da secretária, contou dez pesetas e colocou-as em cima da mesa.

– Isso é seu. Sugiro-lhe que compre outro fato, pois há quatro anos que o vejo com o mesmo e ainda lhe está uns seis números acima. Se quiser, vá ter com o senhor Pantaleoni à sua alfaiataria da Calle Escudellers e diga-lhe que vai da minha parte. Tratá-lo-á bem.

– Muito obrigado, Don Basilio. Assim farei.

– E vá-me preparando outro conto destes. Para esse dou-lhe uma semana. Mas não adormeça. E veja lá se nesse há menos mortos, que o leitor de hoje gosta do final meloso, no qual triunfa a grandeza do espírito humano e todas essas parvoíces.

– Sim, Don Basilio.

O subdirector assentiu e estendeu-me a mão. Apertei-lha.

– Bom trabalho, Martín. Na segunda-feira quero vê-lo na mesa que era do Junceda e que agora passa a ser sua. Fica com os casos do dia.

– Não lhe vou falhar, Don Basílio.

– Não, não me vai falhar. Deixar-me-á para trás, mais tarde ou mais cedo. E fará bem, porque você não é jornalista nem nunca o será. Mas também ainda não é um escritor de romances policiais, embora julgue que sim. Fique por aqui uma temporada e ensinar-lhe-emos algumas coisas que nunca são de mais.

Naquele momento, tendo baixado a guarda, fui invadido por um tal sentimento de gratidão que tive desejos de abraçar aquele homenzarrão. Don Basilio, com a máscara feroz novamente colocada, cravou em mim um acerado olhar e apontou a porta.

– Sem cenas, por favor. Feche ao sair. Por fora. E feliz Natal.

– Feliz Natal.



Na segunda-feira seguinte, quando cheguei à redacção disposto a ocupar pela primeira vez a minha própria secretária, encontrei um envelope de papel pardo com um laço e o meu nome dactilografado na mesma máquina em que passara anos a trabalhar. Abri-o. Dentro encontrei a contracapa de domingo com a minha história emoldurada e com uma nota que dizia:

*Isto é só o princípio. Daqui a dez anos eu serei o aprendiz e tu o mestre. Teu amigo e colega, Pedro Vidal.*